



DE CAMPONÊS A CAMPONÊS NAS PLATAFORMAS DIGITAIS: A AGROECOLOGIA NO SUL E SUDOESTE DE MINAS

Estevan Coca

Docente da Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG)

RESUMO

Como o conhecimento agroecológico é transmitido no contexto atual em que a digitalização se consolida como uma das principais expressões da produção do espaço? Tomando o exemplo da região Sul e Sudoeste de Minas, este trabalho problematiza a construção da Agroecologia por meio de plataformas digitais como uma expressão da relação de conflito e complementaridade entre a agricultura familiar camponesa e a agricultura digital. A metodologia consistiu na aplicação de um formulário *on-line* para 35 ativistas agroecológicos, realização de caminhadas guiadas com entrevistas semiestruturadas junto a 6 agricultores familiares camponeses que adotam metodologias agroecológicas em suas unidades de produção e observação participante nas reuniões do Polo Agroecológico e de Produção Orgânica do Sul e Sudoeste de Minas Gerais (PASSOMG). Os resultados demonstram que no caso do Sul e Sudoeste de Minas, além de ser transmitida de modo oral e pessoal (modelo camponês a camponês), a Agroecologia tem sido cada vez mais resultado de interações digitais que se manifestam na formação dos produtores e na articulação política.

Palavras-chave: Agroecologia; camponês a camponês; plataformas digitais; Polo Agroecológico e de Produção Orgânica do Sul e Sudoeste de Minas Gerais.

Abstract

In the current context of digitalization as a dominant form of spatial production, how is agroecological knowledge transmitted? Focusing on the South and Southwest regions of Minas Gerais, this study examines the development of agroecology through digital platforms, highlighting the conflicting and complementary relationships between peasant family farming and digital agriculture. The methodology included administering an online questionnaire to 45 agroecology activists, conducting guided walks with semi-structured interviews of six family farmers who use agroecological methods in their properties, and observing meetings at the Agroecological and Organic Production Center of South and Southwest Minas Gerais (PASSOMG). The results demonstrate that, in addition to being transmitted orally and in person, agroecology in South and Southwest Minas Gerais is increasingly being disseminated through digital interactions, as seen in farmer training and political articulation.

Keywords: Agroecology; peasant to peasant; digital platforms; Agroecological and Organic Production Center of South and Southwest Minas Gerais.



INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, por meio do protagonismo de movimentos socioterritoriais e socioespaciais, focados desde a produção até o consumo e articulando processos políticos e ambientais globais e locais, a Agroecologia se consolida como um dos principais componentes políticos, técnicos e biológicos que visam a transformação do regime alimentar corporativo global (Caporal; Costabeber, 2004; Carvalho; Coca; Santos, 2025; Giraldo; Rosset, 2018; Rosset; Altieri, 2017). Ela se coloca como uma referência na busca pela garantia do Direito Humano à Alimentação Adequada e a soberania alimentar, indo além do modelo alimento-mercadoria que tem sido impulsionado pelo capitalismo, especialmente após a Revolução Verde, implementada na segunda metade do século XX (Vivero-Pol, 2017). Isso tem sido possível, especialmente pela transmissão oral e em pessoa/presencial do conhecimento agroecológico, envolvendo tradições e resistências de diversos tipos, a exemplo do que ocorre no modelo ‘camponês a camponês’, implementado em diversas partes do globo (Machín Sosa *et al.*, 2012; Martinez-Torres; Rosset, 2016).

Sabendo que a agricultura tem sido fortemente impactada pela digitalização (Coca; Santos; Giacomini, 2025; ETC Group, 2022; Lioutas; Charatsari; Rosa, 2021) – um dos principais paradigmas da sociedade contemporânea (Oliveira; Siqueira, 2022; Schwab, 2016) – esse trabalho levanta o seguinte questionamento: qual tem sido o papel das tecnologias digitais para a transmissão e/ou criação do conhecimento agroecológico? Com base na literatura sobre as Geografias Digitais (Ash; Kitchin; Leszczynski, 2018; Maalsen, 2024), abordo a realidade de agricultores familiares camponeses da região Sul e Sudoeste de Minas, demonstrando que além dos conhecimentos transmitidos de modo oral, esses produtores ampliam seu repertório agroecológico por meio de canais digitais, a exemplo do Facebook, Instagram, Youtube e Google Meet. Demonstro que isso se dá por meio de dois eixos: i) aquisição de técnicas agroecológicas com destaque para a figura do que aqui denomino como “influencers agroecológicos” e; ii) ampliação do espaço político, articulando diferentes representantes da sociedade civil com o foco de incrementar a transição agroecológica na região.

Num contexto em que a maior parte dos trabalhos que abordam as mídias e outras tecnologias digitais dá mínima atenção ao campo (Ash; Kitchin; Leszczynski, 2018; Miles, 2023), o trabalho traz como principal contribuição a problematização sobre a reprodução da Agroecologia em contextos rurais por meio da digitalização. O texto denota que a agricultura digital reproduz as dinâmicas contraditórias, conflituosas e desiguais que têm caracterizado o desenvolvimento da agricultura no capitalismo. Assim, se por um lado, a digitalização da



agricultura tem contribuído para a consolidação da hegemonia do agronegócio e do poder corporativo, por outro, mesmo que de modo menos intenso, ela expressa a reprodução dos modos de vida e trabalho da agricultura familiar camponesa, considerando aspectos como a resistência ao paradigma modernizante do capitalismo e o envolvimento com inovações que visam gerar novos imaginários sociotécnicos na agricultura.

O trabalho possui três seções além dessa introdução e das considerações finais. A primeira traz um breve debate teórico sobre a agricultura familiar camponesa e a Agroecologia no contexto de digitalização, demonstrando como, apesar de ser um processo criado pelo e para o agronegócio, a agricultura digital também traz algumas oportunidades para a o escalonamento da produção agroecológica. A segunda contém a metodologia desenvolvida na construção do trabalho. A terceira expõe os resultados, considerando a relação entre Agroecologia e tecnologias ou plataformas digitais de comunicação no Sul e Sudoeste de Minas, especialmente no contexto do Polo Agroecológico e de Produção Orgânica do Sul e Sudoeste de Minas Gerais (PASSOM).

A AGROECOLOGIA NA AGRICULTURA DIGITAL

A digitalização talvez seja uma das características mais fortes, com potencial disruptivo, dúvidas e enigmas da sociedade contemporânea. A forma como, nos últimos anos, tecnologias digitais se impregnam de modo diverso no dia a dia, indo desde as atividades mais básicas até as mais complexas desenvolvidas pelos seres humanos, faz com que diversos questionamentos ontológicos e epistemológicos emergjam nos mais variados campos do saber. Dentre esses se destacam a reflexão sobre o papel do digital na relação sociedade x natureza ou nas formas dos seres humanos experimentarem ou dialogarem com os elementos ecológicos (Luque-Ayala; Machen; Nost, 2024), a impregnação da ideologia da Inteligência Artificial no cotidiano das pessoas (Cugurullo, 2025), novas expressões de arte e as disputas pelo significado do que ela vem a ser (Degen; Melhuish; Rose, 2017), a atualização da Geopolítica (Shen; He, 2022), dentre outros. Constata-se, assim, que essas inovações colocam novos desafios teóricos e epistemológicos para todas as áreas do conhecimento, inclusive a Geografia, ou seja, faz-se importante conhecer as Geografias produzidas “por”, “pelo” e “do” digital (Ash; Kitchin; Leszczynski, 2018).



No campo isso não tem sido diferente. Nos últimos anos, como parte da chamada 4ª Revolução Industrial na agricultura, tem se consolidado uma nova etapa do desenvolvimento capitalista da agricultura, agora caracterizada como agricultura digital (Coca; Santos; Giacopini, 2025; Lioutas; Charatsari; Rosa, 2021). Tecnologias digitais como tratores inteligentes, sensores de diversos tipos, drones e robôs; implementadas “antes e depois da porteira”, fazem com que emergjam novas formas de sociabilidade e expressões territoriais na agricultura (Carolan, 2024; Fairbairn; Kish, 2023; Fraser, 2019). Isso se expressa, dentre outros, na reconfiguração das relações de trabalho e na emergência de novas formas de valor (Carolan, 2024; Robbins, 2020). Enfim, o que temos é um contexto novo e que exige novas formas de abordar a relação teoria e empiria no campo, assim como uma recalibragem das estratégias dos tomadores de decisão. Torna-se oportuno pensar como as tecnologias digitais se relacionam com fatores como a otimização da produção de alimentos, fibras e energia; a busca por práticas agrícolas menos danosas ao meio ambiente e à saúde pública – especialmente dos próprios agricultores, etc.

Ocorre que, se por um lado acadêmicos e instituições com mandato global, de modo otimista veem a agricultura digital como capaz de sanar problemas estruturais como a fome e a ausência de sustentabilidade na produção agrícola (e.g., FAO, 2017, 2019; Massruhá; Leite, 2016), por outro, não faltam análises céticas, que destacam os limites éticos, sócioeconômicos e operacionais dessas inovações (e.g., Bronson, 2022; Coca; Santos; Giacopini, 2025; Fraser, 2019). Isso se dá porque a agricultura digital tem sido produzida como uma solução capitalista para problemas criados pelo próprio capitalismo, não rompendo com padrões perversos como a concentração de poder (controle corporativo sobre os dados, por exemplo) e incrementando a emergência de uma agricultura robotizada ou automatizada, cada vez menos dependente de agricultores (Coca; Santos; Giacopini, 2025).

Não à toa, a agricultura digital tem sido promovida por e para o agronegócio (ETC Group, 2022). Corporações de diversas origens espaciais e setoriais, passam a ver na implementação de tecnologias digitais no campo uma forma de obter maior controle sobre os dados, considerados como uma das principais fontes de riqueza e poder da atualidade (Bronson, 2022; Fraser, 2019). Em razão disso, muitas vezes impregnadas pela ideologia do Vale do Silício (Guthman, 2024), essas corporações investem massivas quantias para a produção de novas tecnologias ou até mesmo para a aquisição de *startups* como forma de manter a dianteira nesse novo período de acumulação do capitalismo no campo (Fairbairn; Reisman, 2024).



Aos defensores da Agroecologia emerge o dilema: as tecnologias digitais da agricultura digital devem ser evitadas e combatidas ou, em certo ponto, elas podem contribuir com os diferentes estágios de transição agroecológica? Sobre isso, faz-se importante destacar que muitas das tecnologias digitais direcionadas ao campo não são facilmente adaptáveis aos territórios e sujeitos que produzem com base na Agroecologia (Bellon Maurel *et al.*, 2022). Contribui para isso o fato de as tecnologias digitais agrícolas serem pensadas para terrenos planos e com produção monocultora – característicos do agronegócio, de modo que elas não dão conta de abordar a diversidade das paisagens e relações sociais que elas produzem que compõem as unidades de produção agroecológicas. Além do mais, o fato de que o custo dessas tecnologias ainda é proibitivo para a grande maioria dos agricultores familiares camponeses, faz com que sua concentração pelo agronegócio seja ainda mais forte.

Contudo, como parte do desenvolvimento contraditório, conflituoso e desigual da agricultura no capitalismo (Oliveira, 2001), a literatura tem apontado que a produção agroecológica também encontra brechas por meio das quais ela se reproduz por meio de tecnologias digitais. Os exemplos vão desde a construção e implementação de modelos complexos de leitura de imagens de terrenos agroecológicos (Bellon Maurel *et al.*, 2022) até a adoção de aplicativos gratuitos que podem otimizar o contato entre produtores e consumidores (Coca; Santos; Salvaterra, 2023). Isso coloca ênfase na necessidade de abordagens que não trabalhem apenas com a expressão binária ou linear da agricultura digital, mas com as complexidades e complementaridades que envolvem sua adoção pelos diferentes modelos de produção.

METODOLOGIA

Esse trabalho é fruto de uma pesquisa sobre as concertações políticas que produzem o PASSOMG, instituído pela Lei 23.939, de 23 de setembro de 2021, como uma articulação política composta por diferentes setores da sociedade civil regional em favor da transição agroecológica. Essa pesquisa foi desenvolvida entre 2022 e 2024, com financiamento do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e permitiu o conhecimento sobre alguns dos processos sociais, econômicos, políticos e tecnológicos que caracterizam a transição agroecológica no Sul e Sudoeste de Minas.



A primeira etapa da pesquisa, de caráter exploratório, se deu com a aplicação de um formulário on-line, organizado por meio do *Google Forms*, que foi respondido por 35 integrantes de organizações do PASSOMG. Nesse formulário, abordamos temas como características das organizações, visões sobre a Agroecologia, redes, políticas públicas e outros. A segunda etapa envolveu a realização de seis trabalhos de campo com caminhadas guiadas e entrevistas semiestruturadas em unidades de produção em transição agroecológica ou já consolidadas. Um dos temas abordados nessas entrevistas foi o acesso à informação e às tecnologias digitais. Chamou-nos a atenção como, por meio de aparelhos celulares e aplicativos gratuitos, agricultores familiares camponeses acessam vídeos gravados ou videochamadas em tempo simultâneo que lhes possibilitam a troca de informações e consequente obtenção de novos conhecimentos, diversificando suas práticas agroecológicas. Uma terceira etapa envolveu a observação participante em reuniões do PASSOMG, sejam elas virtuais ou presenciais, quando tomamos anotações sobre as estratégias políticas que essa articulação tem adotado para fomentar a transição agroecológica na região.

Assim, adotando princípios e a metodologia da análise sobre ruralidade digital (Lundgren; Johansson, 2017), o trabalho se desenvolveu com base nas integrações entre as informações digitalizadas e a prática agroecológica considerando dois elementos: i) a obtenção de novos conhecimentos por meio de vídeos em plataformas digitais e; ii) a construção de espaços políticos. Isso possibilitou a leitura sobre como as plataformas digitais têm mediado a produção de novos conhecimentos agroecológicos ou a atualização de outros já existentes, assim como o desenvolvimento de espaços de resistência e enfrentamento ao regime alimentar corporativo e sua expressão por meio do agronegócio.

RESULTADOS

A pesquisa constatou que além da transmissão oral, que é uma característica histórica e estrutural da territorialização da Agroecologia (Caporal; Costabeber, 2004; Martinez-Torres; Rosset, 2016; Rosset; Altieri, 2017), no Sul e Sudoeste de Minas, o conhecimento agroecológico também tem sido mobilizado por meio do espaço virtual, especialmente plataformas de comunicação. Muito disso se dá pelo fato de que parte dos agricultores familiares camponeses entrevistados é jovem. Esses sujeitos buscam reverter a dependência de insumos químicos do modo de fazer agricultura dos seus pais ou então migram para o campo



buscando fugir do “caos urbano” – dois dos agricultores entrevistados possuem origem urbana e decidiram trabalhar com a Agroecologia após concluírem cursos de graduação em universidades públicas, por exemplo. Educados num contexto em que as tecnologias da informação já eram fato consolidado, esses jovens as utilizam também como forma de socialização, reprodução econômica e práticas agrícolas. Isso foi percebido por meio de dois eixos: i) a obtenção de novos conhecimentos por meio de vídeos em plataformas digitais e; ii) a construção de espaços políticos.

Sobre o primeiro eixo, os agricultores familiares camponeses entrevistados demonstraram que, apesar de alguns esforços individuais, não existe uma política consolidada de assistência técnica com a finalidade de contribuir para a transição agroecológica na região. Apesar de alguns esforços pontuais de extensionistas que atuam nas unidades de produção familiares do Sul e Sudoeste de Minas, as tendências observadas são de escassez desse serviço ou, quando ele existe, inexistência de perspectivas agroecológicas. Isso torna a transição agroecológica um processo árduo que exige o acesso a informações por novos canais, além da assistência técnica. Nesse sentido, a obtenção de técnicas que permitem a reprodução da Agroecologia como prática se dá, especialmente, por meio de vídeos disponibilizados nas plataformas Youtube, Facebook e Instagram.

Sobre isso, o entrevistado 01 ressalta: “[...] uma das desvantagens [da transição agroecológica] é que tem pouco acesso à informação. Então, se você não for garimpar, a pessoa desiste. Falta, principalmente, informação localizada e regional. Assim, se você for pesquisar, é muito genérico, né? (Entrevistado 01, Santa Rita do Sapucaí, 2024). A palavra “garimpar” indica que ainda não existe uma sistematização ou curadoria dos conteúdos agroecológicos disponíveis na internet, sendo necessário aos produtores que adotam essa perspectiva a pesquisa sobre eles. Isso também aparece na fala do entrevistado 02: “Nós somos muito de fazer pesquisa [na internet], a gente faz teste e acaba descobrindo as coisas. Pega uma informação lá, chega aqui e acaba melhorando-a” (Entrevistado 02, Poço Fundo, 2024). Em ambos os casos, produtores expressam a necessidade de pesquisas no ambiente virtual por meio de tecnologias digitais para melhor qualificar suas técnicas de manejo agroecológico.

Agricultores familiares camponeses interessados na transição agroecológica se apoiam em vídeos disponibilizados em plataformas digitais sobre técnicas agroecológicas a serem replicadas – muitas vezes com adaptações exigidas pela diversidade ecológica regional – em suas unidades de produção. Parte desses vídeos é produzida por ou com conhecidos dos agricultores familiares camponeses não apenas por meio do ambiente virtual, mas por já terem



participado de atividades diversas na região, como dias de campo e eventos acadêmicos. Isso cria neles uma familiaridade e confiança para que os vídeos sejam tomados como manuais na implementação de novas técnicas agroecológicas. Ou seja, o mundo material e o virtual se retroalimentam na busca pelo acesso à informação.

Isso fica evidente, por exemplo, na influência exercida pelo Engenheiro Florestal Sebastião Pinheiro, do Rio Grande do Sul. Nas entrevistas, agricultores familiares camponeses da região destacam que acessam vídeos em que esse militante agroecológico socializa técnicas diversas como água de vidro, captura de micorrizas e biofertilizantes com cheiro de leite. Outra referência é o Engenheiro Agrônomo Fernando Tinoco, da Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural de Minas Gerais (EMATER-MG). Nesse caso, apesar de também ter desenvolvido trabalhos de campo na região, destaca-se a importância de vídeos reproduzidos pela própria EMATER-MG em suas redes sociais ou por terceiros. Isso demonstrado pela entrevistada 03: "O Tinoco vale a pena você conhecer. Ele está na EMATER-MG, também trabalha e ensina muito sobre caldas para Agroecologia e produtos naturais. Foi lá que comecei a conhecer as caldas de cinza" (Entrevistada 03, Pedralva, 2024).

Sobre o segundo eixo, a pesquisa destacou que agricultores familiares camponeses da região também se apoiam no ambiente virtual para a construção de espaços políticos que geram redes de promoção da Agroecologia e resistência ao modelo predador do agronegócio. O principal exemplo disso é a existência do PASSOMG. Criado durante a pandemia da COVID-19 e até então financiado por emendas parlamentares, esse coletivo de articulação política em favor da Agroecologia tem se constituído com base em dezenas de representações de produtores, consumidores e instituições de ensino do Sul e Sudoeste de Minas Gerais (Carvalho; Coca; Santos, 2025; Carvalho; Santos; Coca, 2024).

Apesar de também realizar atividades presenciais, a constituição do PASSOMG tem se dado, especialmente nos espaços virtuais. Além de reuniões para a articulação política de seus membros que ocorrem por meio da plataforma Google Meet, destacam-se os encontros formativos onde são abordados temas diversos como políticas públicas, formas de financiamento, relação com governos etc. Dentre as vantagens de se organizarem por meio do espaço virtual, os membros do PASSOMG destacam a possibilidade de não abandonar suas unidades de produção para participar de reuniões presenciais em outras localidades e a possibilidade de envolver um maior número de pessoas com economia de recursos materiais.



O PASSOMG também constrói a articulação política da Agroecologia na região por meio de sua página no Youtube (<https://www.youtube.com/@poloagroecologicodosulesud1050>). Nela, são disponibilizados vídeos sobre temas como contaminação de abelhas pelo uso de agrotóxicos, compras públicas de alimentos, sistemas de certificação, participação e outros. Além disso, a página do PASSOMG tem sido utilizada para a transmissão simultânea de eventos sobre Agroecologia realizados por instituições de ensino da região, como os Encontros de Agroecologia e as Jornadas Universitárias em Defesa da Reforma Agrária (JURAs).

Esses exemplos indicam que apesar de mídias sociais como o Facebook, o WhatsApp, o Instagram e o Youtube serem representações do regime capitalista de acumulação (Fuchs, 2014), agricultores familiares camponeses também usam essas ferramentas para intensificar suas práticas contestatórias. Nesse sentido, como parte do desenvolvimento contraditório e desigual do capitalismo, a luta pelo modelo de desenvolvimento da agricultura se articula com a busca pela democratização no acesso às tecnologias digitais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho destacou como no Sul e Sudoeste de Minas, as plataformas digitais têm sido importantes para a transmissão e/ou criação do conhecimento agroecológico. A produção da Agroecologia por meio da relação “camponês a camponês”, especialmente de modo oral e presencial, ainda é central, porém, as plataformas digitais assumem um papel que tem crescido em importância para a ocorrência da transição agroecológica. Evidentemente, a dependência de plataformas digitais como Facebook, o Instagram e o Youtube, todas de propriedade de grandes corporações, é um fator limitante na construção da autonomia de agricultores familiares camponeses que trabalham com a Agroecologia. Porém, mais do que uma forma de rendição ao capital, a utilização dessas plataformas digitais por agricultores familiares camponeses aponta para um contexto em que a digitalização da agricultura se dá de modo conflituoso, contraditório e desigual. Em outros termos, denota-se que mesmo numa velocidade bem menos intensa do que a do capital/agronegócio, também a transição agroecológica se beneficia da digitalização da agricultura.



Os dois eixos aqui estudados (aquisição de conhecimentos e articulação política) enfatizam que a forma como os agricultores familiares camponeses usam as tecnologias digitais na busca pelo escalonamento da Agroecologia por fatores diversos que vão desde a possibilidade de atender a um maior número de pessoas do que em encontros e cursos presenciais até mesmo os condicionantes materiais. Isso também é resultado da emergência de novos atores no campo. No Sul e Sudoeste de Minas, a Agroecologia é produzida por jovens, adultos e idosos, contudo, os primeiros são aqueles que mais apontaram nos formulários e entrevistas a importância das plataformas digitais para a prática dessa ciência, prática, movimento e política que desafia o agronegócio.

Evidentemente, o texto traz apenas uma das dimensões da utilização de tecnologias digitais por agricultores familiares camponeses que trabalham com a Agroecologia, qual seja, o envolvimento com as plataformas digitais. Existem outras tecnologias digitais que também dão suporte à transição agroecológica, a exemplo de aplicativos de celular que possibilitam o gerenciamento das unidades de produção ou o funcionamento de grupos de consumo que articulam o campo e a cidade com base em princípios da Economia Solidária. São tecnologias bem mais simples do que aquelas que presenciamos no agronegócio, mas que reforçam o ponto de que a agricultura digital não é algo exclusivo do modo de produção capitalista, ou seja, ela também tem sido parte da reprodução de relações sociais que não baseadas no assalariamento na produção do alimento-mercadoria.

Avançar nessa agenda de pesquisa é importante na busca por se trabalhar com a atualidade do processo de consolidação da agricultura industrial e das resistências que emergem por parte da agricultura familiar camponesa. Isso abre perspectivas que vão além da própria digitalização como as novas formas de sociabilidade entre os produtores, a permanência ou chegada de jovens ao campo, a atualização de teorias sobre o funcionamento das unidades de produção familiares e outros.

REFERÊNCIAS

ASH, James; KITCHIN, Rob; LESZCZYNSKI, Agnieszka. Digital turn, digital geographies?. **Progress in Human Geography**, v. 42, n. 1, p. 25–43, 2018.

BELLON MAUREL, Véronique *et al.* **Digital technology and agroecology: opportunities to explore, challenges to overcome**. Rennes: Université de Rennes, 2022.



BRONSON, Kelly. **The immaculate conception of data: agribusiness, activists, and their shared politics of the future**. Montreal: McGill-Queen's Press-MQUP, 2022.

CAPORAL, Francisco Roberto; COSTABEBER, José Antônio. **Agroecologia: alguns conceitos e princípios**. Brasília: MDA/SAF/DATER-IICA, 2004.

CAROLAN, Michael. Who and what gets recognized in digital agriculture: agriculture 4.0 at the intersectionality of (dis)ableism, labor, and recognition justice. **Agriculture and Human Values**, 2024.

CARVALHO, Maria Laura; COCA, Estevan; SANTOS, Adriano. O Polo Agroecológico e de Produção Orgânica do Sul e Sudoeste de Minas Gerais como espaço político para a transição agroecológica. **Boletim DATALUTA**, v. 18, n. 189, p. 1–21, 2025.

CARVALHO, Maria Laura; SANTOS, Adriano; COCA, Estevan. O Polo Agroecológico do Sul e Sudoeste de Minas Gerais e a construção de territórios agroecológicos em articulação. **Cadernos de Agroecologia**, v. 19, n. 1, p. 1–6, 2024.

COCA, Estevan; SANTOS, Adriano Pereira; GIACOPINI, Rodrigo. Imagining agri-food futures across digital divides: Agribusiness and family farmers in Minas Gerais, Brazil. **Digital Geography and Society**, v. 9, p. 100139, 2025.

COCA, Estevan; SANTOS, Adriano Pereira; SALVATERRA, José Roberto. A aliança entre campo e cidade na produção da soberania alimentar:: o exemplo das Cestas Agroecológicas do Quilombo Campo Grande. **Caderno de Geografia**, v. 33, n. 1, p. 106–128, 2023.

CUGURULLO, Federico. AIdeology: Unpacking the ideology of Artificial Intelligence and its spaces. **Antipode**, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/anti.70065>. Acesso em: 21 set. 2025.

DEGEN, Monica; MELHUISH, Clare; ROSE, Gillian. Producing place atmospheres digitally: Architecture, digital visualisation practices and the experience economy. **Journal of Consumer Culture**, v. 17, n. 1, p. 3–24, 2017.

ETC GROUP. **Food Barons 2022. Crisis profiteering, digitalization and shifting power: Mapping the corporate power in big food**. Durham: ETC Group, 2022.

FAIRBAIRN, Madeleine; KISH, Zenia. Setting data free: The politics of open data for food and agriculture. **New Media & Society**, v. 25, n. 8, p. 1935–1959, 2023.

FAIRBAIRN, Madeleine; REISMAN, Emily. The incumbent advantage: corporate power in agri-food tech. **The Journal of Peasant Studies**, v. 51, n. 6, p. 1331–1354, 2024.

FOOD AND AGRICULTURE ORGANIZATION OF THE UNITED NATIONS (FAO). **Digital Technologies in Agriculture and Rural Areas. Status Report**. Rome: FAO, 2019. Briefing Paper.

FOOD AND AGRICULTURE ORGANIZATION OF THE UNITED NATIONS (FAO). **E-agriculture in Action**. Rome: FAO, 2017.

FRASER, Alistair. Land grab/data grab: precision agriculture and its new horizons. **The Journal of Peasant Studies**, v. 46, n. 5, p. 893–912, 2019.



GIRALDO, Omar Felipe; ROSSET, Peter M. Agroecology as a territory in dispute: between institutionality and social movements. **The Journal of Peasant Studies**, v. 45, n. 3, p. 545–564, 2018.

GUTHMAN, Julie. **The problem with solutions: Why Silicon Valley can't hack the future of food**. Oakland: Univ of California Press, 2024.

LIOUTAS, Evangelos D.; CHARATSARI, Chrysanthi; ROSA, Marcello De. Digitalization of agriculture: A way to solve the food problem or a trolley dilemma? **Technology in Society**, v. 67, p. 101744, 2021.

LUNDGREN, Anna Sofia; JOHANSSON, Anna. Digital rurality: Producing the countryside in online struggles for rural survival. **Journal of Rural Studies**, v. 51, p. 73–82, 2017.

LUQUE-AYALA, Andrés; MACHEN, Ruth; NOST, Eric. Digital natures: New ontologies, new politics?. **Digital Geography and Society**, v. 6, 2024.

MAALSEN, Sophia. Digital geographies 1: Reality bytes. **Progress in Human Geography**, v. 48, n. 6, p. 912–921, 2024.

MACHÍN SOSA, Braulio *et al.* **Revolução agroecológica – o Movimento de Camponês a Camponês da ANAP em Cuba**. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

MARTINEZ-TORRES, María Elena; ROSSET, Peter M. Diálogo de saberes en la vía campesina: soberanía alimentaria y agroecología. **Revista Espacio Regional**, v. 1, n. 13, p. 23–36, 2016.

MASSRUHÁ, Silvia Maria Fonseca Silveira; LEITE, Maria Angelica de Andrade. Agricultura digital. **Revista Eletrônica Competências Digitais para Agricultura Familiar**, v. 2, n. 1, p. 72–88, 2016.

MILES, Christopher. On Agricultural Techniques: Broadcast, precision, and the media of culture. **New Media & Society**, v. 25, n. 8, p. 1842–1862, 2023.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. A longa marcha do campesinato brasileiro: movimentos sociais, conflitos e Reforma Agrária. **Estudos avançados**, v. 15, p. 185–206, 2001.

OLIVEIRA, M. Cecilia; SIQUEIRA, Leandro. Digitalization between environmental activism and counter-activism: The case of satellite data on deforestation in the Brazilian Amazon. **Earth System Governance**, v. 12, p. 100135, 2022.

ROBBINS, Paul. Is less more ... or is more less? Scaling the political ecologies of the future. **Political Geography**, v. 76, p. 102018, 2020.

ROSSET, Peter M; ALTIERI, Miguel A. **Agroecology: science and politics**. Rugby: Practical Action Publishing, 2017.

SCHWAB, Klaus. **The Fourth Industrial Revolution**. Cologny/Genev a: World Economic Forum, 2016.

SHEN, Hong; HE, Yujia. The geopolitics of infrastructuralized platforms: the case of Alibaba. **Information, Communication & Society**, v. 25, n. 16, p. 2363–2380, 2022.



ENANPEGE
XVI Encontro Nacional de Pós-Graduação e
Pesquisa em Geografia

VIVERO-POL, Jose Luis. The idea of food as commons or commodity in academia. A systematic review of English scholarly texts. **Journal of Rural Studies**, v. 53, p. 182–201, 2017.